

TRIBUNA Livre

7
OUTUBRO
1972

À Biblioteca Pública de

SEMA...

Braga

CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

QUADROS OPOSTOS DUMA VIDA COMUM

Por Narciso José Gonçalves

Ao referir-me à vida, caro leitor, não pretendo focar o seu aspecto ontológico, mas só e simplesmente quero falar da vida no seu «modus» humano-social, melhor direi, da vida que vivemos.

Esta sociedade que todos formamos como seres responsáveis, porque livres, sociedade que hemos de defender, fazendo-a seguir firme e sem vacilar pelos caminhos da Lei moral e civil — normas jurídicas de conduta dos povos — tem quadros inteiramente opostos nas suas manifestações de exterior, a despeito de serem obra do mesmo autor...

Ora vejam!

Há cerca de um mês, dia de domingo, de sol ridente e canicular, convidativo para praias ou outros lugares frescos, — talvez o leitor desta nossa terra se não apercebesse — intervalados por pequeno espaço de tempo, seguia avenida acima, o préstito fúnebre de uma senhora falecida na ante-véspera. Na mesma via, mas em sentido oposto, descia a caravana automobilística de um cortejo nupcial.

De um lado, o luto e a tristeza de mãos dadas; a consternação e a dor que nos sufoca e aperta o peito; rostos macerados por lágrimas incontidas, que rolaram aos *borbulhões* face abaixo; *bouquets* cor de lilás que homens vestidos de preto empunhavam ao alto; o carro fúnebre que quatro homens faziam deslizar lentamente; gente de ambos os sexos de olhos fixos no chão; à frente uma cruz alçada que o sacristão transportava como símbolo da redenção de Jesus, seguindo-se-lhe o sacerdote a ciciar orações e responsos de encomendação pela alma daquela que deixava para sempre a sociedade dos vivos de que fizera parte.

Do outro lado, há sorrisos; há beijos e perfumes inebriantes. Graciosas damas com chapéus de aba-larga, espantosas e chocarreiras, viçosas e encantadoras donzelas, ligadas à noiva por laços de amizade e de família, que lindo conjunto emoldurado naqueles «espaldhões» modernos na sua cor preta de cerimónia, espreitando pelos vidros para os papalvos (sobretudo mulheres do povo) que se postaram na berma para ver e admirar se a noiva ia jeitosa... Curiosos! E lá vai o cortejo a caminho do santuário, os padrinhos engravatados a rigor, o sr. abade de vestes talares a estrear... Enfim! É festa, é festa!

Na igreja há belas e exóticas flores a impregnar o espaço sagrado de um cheiro forte e estonteante, e a marcha nupcial de Schubert faz-se ouvir em toda a sua magnificência e esplendor.

Diante destes quadros expostos à nossa contemplação na vasta e incomensurável galeria do Universo, quedei-me, atónito e pensativo, e não pude deixar de recordar e dizer baixinho aquela definição da vida que eu lera algures: «A vida é sinfonia de gargalhada e pranto»...

Mas se uns choram e outros riem, dirá o leitor, sempre assim foi desde que o velho Adão perdeu aquele paraíso de sonho e beleza ímpares. Pois se até o próprio Cristo chorou e chorou amargamente, porque não os pobres seres humanos?! Chorar é lenitivo na dor, porque é um desabafo. Chorar é a vingança dos impotentes perante a afronta e o insucesso, mas é vingança pelo menos no seu aspecto psicológico. Eu direi mesmo que CHORAR é bom e que, a par do RIR, é atributo específico do homem, provocando descontração e bom humor. Chorar e rir, pois, diferentes e opostos no seu aspecto *pictural* (até porque, como diz o rifão, quem ri faz festa e quem chora encurripa a testa) são necessários ao ser humano e predicados identificativos da sua origem comum. E, se assim é, porque não existir entre os homens um maior e mais acrisolado sentimento de comisseração humano-social, concomitantemente a par de uma verdadeira sintonização no sofrimento do seu semelhante, arredando-se egoísmos ou quaisquer posições egocêntricas, na certeza de que todos nos confundiremos, mais dia menos dia, no pó comum da sepultura?...

Justas observações de Marcello Caetano contidas numa entrevista

Marcello Caetano concedeu agora uma importante entrevista ao jornalista italiano António Altamonte, do diário romano «Il Tempo», que aquele jornal publica na sua primeira página com um título a cinco colunas, intitulado «Portugal perante a Europa».

O Chefe do Governo Português principia por dizer que «Portugal procura resolver os seus problemas de acordo com as realidades». E acrescenta: «Estou convencido de que a actual Constituição portuguesa é aquela que melhor corresponde à maneira de ser dos Portugueses. É uma opinião pessoal minha, que, todavia, é partilhada pela maioria dos Portugueses».

Respondendo ao jornalista, Marcello Caetano esclarece:

— «A autonomia das nossas províncias ultramarinas, que já existia, foi agora ampliada de acordo com a linha, desde sempre seguida, de se aumentarem os poderes dos órgãos locais, tanto quanto o justifique o desenvolvimento das respectivas regiões. Mas sob a pressão

de alguns países e de alguns momentos ideológicos, o Mundo põe de parte as realidades. E vai gritando estribilhos, como se as coisas fossem aquilo que se quer e não aquilo que são. O Governo Português age tendo em conta as condições reais dos territórios e das suas populações.»

À pergunta sobre se a O.T.A.N. deveria estender a sua acção ao Atlântico meridional, o Presidente do Conselho responde:

— «Portugal não pediu nem recebe nenhum auxílio da parte da O.T.A.N.. É um facto que o destino da Europa e da América ficaria decidido se as províncias ultramarinas portuguesas caíssem na zona de influência russa ou da chinesa. E também o destino do Oceano Índico. Mas se os interessados não querem olhar a tempo as realidades, que haveremos de fazer?»

Num dado passo da entrevista, Marcelo Caetano esclarece a confusão estabelecida entre opositores e traidores à Pátria, afirmando:

— «Não é verdade que eu tenha, jamais, confundido

genéricamente opositores e traidores à Pátria. Há opositores que são, também, traidores, mas, em contrapartida, muitos outros há que são, quanto a mim, patriotas fervorosos. Rejeito, portanto, a formulação dessa pergunta.»

Uma outra passagem brilhante da entrevista, que a encerra com chave de ouro, é quando o Presidente do Conselho Português diz:

— «Uma Europa unida é indispensável se não quisermos ser simples satélites da política de qualquer das superpotências. Simplesmente, é preciso que a união da Europa se estabeleça sobre bases realistas, no respeito das particularidades nacionais e não constrangida por um molde ideológico.»

As observações de Marcello Caetano devem ter calado no espírito das pessoas que descem ao fundo das realidades, longe de se preocuparem apenas com aparências superficiais, verdadeiramente ilusórias.

Augusto de Oliveira

Movimento de Funcionários da Repartição Concelhia de Finanças de Vieira do Minho

Pelo respectivo Chefe, Senhor Narciso José Gonçalves, foram empossados e entraram desde logo no exercício das suas funções de aspirantes de finanças os Senhores Fernando Costinha Magalhães e Albino Manuel Pinto da Costa.

Ambos afastados das funções que já exerciam, por motivos de serviço militar, o primeiro regressou de Timor, sendo ali furriel miliciano, e o segundo da Guiné, onde desempenhou o cargo de alferes miliciano. Os actos de posse verificaram-se em 25 e 29 de Setembro findo, respectivamente. Bem hajam por terem cumprido leal e devotadamente o seu dever no Ultramar, e parabéns por regressarem, são e salvos, à Terra que ambientavam!

C.

Projecto Piloto de Medicina de Massa

Desde há dias, encontra-se neste concelho a Brigada do Projecto Piloto de Medicina de Massa, que tem percorrido igualmente todas as freguesias do Concelho, conforme horário que oportunamente foi divulgado, na reunião com as autoridades locais efectuada em 13 do passado mês de Setembro.

Orientou esta reunião o Sr. inspector Doutor Nunes de Almeida e a ela estiveram presentes o sr. Presidente da Câmara, Vereação, elementos da A.N.P., párocos de todas as freguesias, médicos, autarquias locais e todo o pessoal do Centro de Saúde.

Esta Brigada é composta

por uma equipa de médicos, coadjuvada por enfermeiros, e propõe-se fazer o rastreio de certas doenças, dispoendo para o efeito de análises sumárias, microradiografias, medida de tensões, etc..

O acesso a esta consulta é livre, isto é, destina-se a todas as pessoas que o desejem.

Para as crianças até aos 6 anos far-se-á, também, o rastreio do estrabismo.

Nesta Vila a Brigada esteve instalada no Centro de Saúde, nos passados dias 28 e 29 de Setembro, cujo público ocorreu em massa, manifestando grande interesse pelos serviços ali prestados.

Rui Patrício: «para se converterem em regras de direito a condenação e a repressão da violência e do terrorismo tem de ser gerais e incondicionais»

A presença de Portugal na África e a justificação da política ultramarina do governo de Lisboa não foram os únicos temas versados pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, no discurso que ontem proferiu perante a Assembleia Geral das Nações Unidas. À margem dessa questão de fundo, o diplomata português pronunciou-se acerca de um assunto novo da agenda das Nações Unidas: a condenação do terrorismo como prática corrente nas relações internacionais; e o facto de, no debate já travado a esse respeito, se ter manifestado a tendência para não abranger na condenação do terrorismo aquele que se processa na África contra as províncias portuguesas, contra a Rodésia e contra a República Sul-africana levou o dr. Rui Patrício a sublinhar:

«A condenação, a prevenção e a repressão da violência e do terrorismo, para se converterem em regras de Direito têm de ser gerais e incondicionais. Não podem envolver-se nas querelas doutrinais e ideológicas que dividem os Estados. Não pode a comunidade internacional aceitar, se se pretende realmente libertar a humanidade do flagelo do terrorismo e da violência, distinções capciosas entre terrorismos justos e injustos, terrorismos legítimos e ilegítimos, terrorismos reconhecidos pela OUA e terrorismos não encartados.

«A discriminação na aplicação da lei, nacional ou internacional, é uma prática odiosa e revoltante»-disse, também, a esse propósito, o ministro português. E observou ainda:

«Têm sido vítimas dela os portugueses. Princípios considerados como válidos em certos casos são negados na consideração do caso português. Regras aplicadas a outros países são desprezadas em relação a Portugal. Mas a violação deste princípio é infinitamente perigosa para todos e ninguém sabe quem será amanhã a vítima.»

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

Aniversário

No passado dia 1, festejou o seu 17. aniversário natalício a menina Maria José Alves Gonçalves ausente em França. Seu avô deseja-lhe muitas



felicidades e que esta data festiva se prolongue por muitos anos na companhia de toda a família.

De — Caldeias

No dia 28, do passado mês, pelas 17 horas o menor Avelino da Silva Ribeiro de 11 anos, filho de Joaquim Dias Ribeiro e de Maria da Silva, residentes no lugar das Caldeias, desta freguesia, após ter subido a uma árvore, caiu de grande altura fracturou o crânio ficando em estado de coma.

Tendo sido conduzido ao hospita de S. Marcos, ficou internado em estado grave.

VIDA MAIS ALTA

O dia de hoje é como o dia de ontem,
Ninguém tenha ilusões,
E o da amanhã será igual aos outros,
Há decerto mais trevas ou mais luz
Nas almas e nas coisas,
Mas não varia o ritmo das horas;
E pouco a pouco se consome o tempo
Que tínhamos guardado
Para a melhor ventura que não veio.

Levados pela força da corrente,
Tal qual o rio que vai feito ao mar,
Todos no mundo andam seus destinos
Até que a morte paralize os passos.

Valeu a pena tanto esforço gasto
Nas voltas do caminho percorrido?

—Ó almas sequiosas de ideal,
Retidas nesje exílio transitório,
Não receeis a noite dos sentidos,
Que não apaga a fé nem a esperança,
E vede como a vida se transforma
Em novas alvoradas promissoras:
Depois que a terra em sombras adormece,
Refulge o céu com mais beleza e encanto.

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

súbitamente desvanecido de todo. Já o disse—nesses momentos ela ficava horrivelmente dura; tinha-se feito vulgar, quasi repugnante.

«Não sei que está a dizer. Não vejo pessoa alguma. Não vejo nada. Nunca vi. Acho a Miss cruel. Não gosto de si!»

Depois, após esta tirada, em tudo digna de uma vulgar e petulante garôta da rua, Flora agarrou-se mais a Mrs. Grose, escondendo-lhe nas saias a facezinha pavorosa. Nesta atitude, soltou um gritinho quasi de fúria.

«Leve-me daqui, leve-me daqui—oh, leve-me ao pé dela!

—De ao pé de mim? arquejei eu.

«De ao pé de si, de ao pé de si!» gritou Flora.

A própria Mrs. Grose olhou para mim com receio; enquanto eu nada tinha a fazer senão comunicar de novo com a figura que na outra margem do lago, imóvel, tão rígida como se estivesse a escutar, através do espaço que nos separava, as nossas palavras, continuava, tão viva, para minha desgraça, como não o parecia para meu serviço. A miserável criança havia falado como se houvesse recebido de fora dela cada uma das suas injuriosas palavrinhas, e eu não podia, portanto no pleno desespero de tudo que tinha de aceitar, senão abanar tristemente a cabeça para ela.

«Se eu tivesse alguma vez duvidado, todas as minhas dúvidas se teriam desvanecido agora. Tenho vivido paredes meias com a horrível verdade, que neste momento apenas se encontra mais perto de mim. Sim, a menina está perdida para a minha pessoa. Intervim, e a menina viu, orientada por ela»—dito o que, volvi outra vez os olhos para a outra margem para encarar, a nossa infernal testemunha—«o melhor e mais perfeito caminho para se encontrar com ela. Fiz tudo o que me foi possível mas perdi-a. Adeus.» Para Mrs. Grose tive um imperativo e quasi angustioso: «Vá, vá-se emboral», ante o que ela se retirou, numa infinita angústia, mas mudamente dominada pela pequenita e claramente convencida, a despeito da sua cegueira de que alguma coisa de medonho ocorrera e que algum abismo nos tragava, seguindo ao longo do caminho por onde tínhamos vindo tão depressa quanto podia.

O que aconteceu quando fiquei só já me não lembro. Apenas me recordo de que ao fim de um quarto de hora, supponho, uma fria grante e úmida sensação de amargoar, arrefecendo e trespassando minha perturbação, me fez compreender que eu devia ter caído com face contra o solo em obediência a uma desvairada dor. Devia ali estar estado muito tempo a chorar e soluçar, pois, quando levantei a cabeça já era escuro. Ergui-me e fitei um momento, através das sombras do crepúsculo, o lago cinzento e as suas vazias e assombradas margens retomando, em seguida, de regresso a casa, o meu triste e difícil caminho. Quando cheguei à cancela, na barreira, vi, com espanto, que o barco tinha desaparecido, voltei a pensar no extraordinário domínio da situação que Flora manifestara. Ela passou essa noite mais tácita e, se a palavra não fosse tão grotescamente falsa, acrescentaria, na mais feliz combinação, ao pé de Mrs. Grose. No meu regresso não vi nenhuma delas, mas, por outro lado, graças a uma ambígua recompensa, vi muito de Miles. Vi — não me é possível empregar outra frase — vi tanto dele que posso afirmar nunca ter visto tanto até àquela data. Nenhuma das noites que eu passara em B. tivera a portentosa qualidade daquela; a despeito disso, e a despeito igualmente dos profundos abismos de consternação que se haviam aberto a meus pés—, no refluxo daquele momento havia uma tristeza extraordinariamente doce. Ao chegar a casa não procurei encontrar o pequeno: fui simplesmente direita ao meu quarto, mudar de vestido e recolher num golge de vista, mais testemunhos materiais sobre a fuga de Flora. Todas as suas coisinhas haviam sido remexidas. Quando, mais tarde junto ao fogão da sala de estudo, a criada como habitualmente me serviu o chá, eu condescendi em não perguntar coisa alguma acerca do meu outro pupilo. Miles estava agora em liberdade—estaria livre até ao fim! Pois bem, estava a gozar essa liberdade; e essa liberdade consistia—em parte, pelo menos—em chegar cerca das oito horas sentar-se junto de mim em silêncio. Ao levantar a mesa do chá apagara as luzes e aproximara a minha cadeira mais do lume: tinha um frio mortal; dir-se-ia nunca mais poder vir a sentir calor. Por isso quando ele chegou, estava eu sentada, pensativa, junto ao fogão. Deteve-se um momento à porta, como para me observar; depois como se quisesse tomar parte no meu pensamento — aproximou-se do outro lado da chaminé e deixou-se cair numa cadeira. Ficamos sentados em completo silêncio mas eu sentia que ele precisava de estar comigo.

CAPÍTULO XXI

No meu quarto, antes de ter nascido o sol, abri os olhos
(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O Bairro da Misericórdia

Vários moradores andam preocupados com a falta de segurança que oferece o trajectamento do velho bairro da misericórdia. Para já pede-se uma inspecção por técnico competente que garanta tranquilidade a quem o habita e de lá não pode sair por falta de casas de preço parecido;

Esta prevenção a que recorrem os vários moradores coloca bem os responsáveis porque não podendo pagar a qualquer vítima, a indemnização por qualquer morte ocasionada por desmoronamento. Seja ou não verdade, seja apenas susto que poderá impressionar qualquer habitante do sexo feminino mais atraído a moléstias nervosas ou ao seu estado «interessante», urge garantir a vida de quem mora nessas casas, dizem, cheias de reclamações, até agora não atendidas.

Luz Pública em Carrazedo

Num dia de sábado pouco aquecido pela luz do sol, foi inaugurada a luz eléctrica pública em Carrazedo.

O dia nove de Setembro de 1972 regista um facto importante na vida Municipal que se vê obrigada a abster-se do que era preciso. Era preciso que a freguesia ficasse toda iluminada, que o ramal começasse em Rendufe e acabasse na Feira Nova, porque à margem há muitas casas, há muita gente que não confraternizou na festa da inauguração pelo desgosto que sofreu e que a Câmara não tem culpa porque lhe faltam saldos para poder fazer obras não económicas. Carrazedo já há muito que tinha o principal para as necessidades domésticas, era a energia particular e é isso que mais interessa a todos os habitantes das freguesias que ainda esperam o benefício que o rio Cávado e Homem lançaram por esse país fora até Lisboa. A inauguração em Carrazedo teve a presença do presidente da Câmara do pároco da freguesia e de outras autoridades locais. Rendo homenagem à Câmara Municipal porque fez o que pôde embora o lugar da Faia, pela situação, pelo que fez à Câmara Municipal e pelo que lhe foi prometido, desta vez não ficou servido: Mas o representante mais humilde do lugar esteve na festa e está no jornal a agradecer o melhoramento.

Casamento Elegante

Com a assistência de muitos convidados realizou-se no domingo passado, na Igreja

de Ferreiros, o casamento da menina Maria da Conceição Fernandes da Costa, filha querida do sr. Augusto do Sacramento Costa e de sua esposa D. Tereza, com o jovem António de Almeida Pereira. Apadrinharam o acto religioso o sr. Arnaldo Tomé, Tesoureiro da Fazenda e sua esposa. A cerimónia nupcial foi solene porque foi acompanhado por um organista e presidido pelo Reverendo padre Albino Fernandes Alves e pelo seu colega padre Janela. A homilia da missa concelebrada o ilustre presbítero fez judiciosas alucções referentes ao acto e próprios do seu talento. Finda a cerimónia, bem marcada em fotografias, do Martins da Foto Kim, seguiu-se o cortejo nupcial automobilístico para casa dos pais da noiva um lauto almoço rematou a festa, a primeira e última que na vida envolve dois seres que se uniram para sempre ligados pelo amor que os há-de ajudar a vencer todos os obstáculos.

O padre Calisto, feliz como sempre nas sapientes orações, proferiu um discurso que o notabilizará pelos conceitos formulados. Felicitamos os pais da jovem Maria e lamentamos a ausência do amigo Costa que nos E. U. luta heroicamente pela vida e deixamos-lhe gravado num disco as saudações que merece do seu amigo e autor desta notícia que agradece o convite feito com grande empenho o que me proporcionou e a minha mulher momentos de agradável convívio social dada a categoria geral de todos os numerosos convivas que com as suas presenças honraram e dignificaram o casal Augusto Costa bem digno de estima e respeito no meio social da Feira Nova. A Tribuna Livre que vai ser lida pelo assinante e amigo nos E. U., não pude focar a imagem verdadeira da alegria da alegria e entusiasmo que reinou durante o repasto pela pávida descrição que acaba de fazer.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo Amares

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Vida elegante

Aniversários

Hoje a Senhora D. Olímpia Rebelo Macedo.

Amanhã a Sra D. Maria João Calheiros Marques e o Sr. António José Machado. No dia 9 a sra D. Julita Mendes Tomé e a sra. D. Maria Izabel Dias.

No dia 10 o sr. José da Conceição M. Vitoriano, a menina Teresa Arantes Meneses e os meninos Abílio José da Silva Pereira e Rui Augusto Machado da Costa.

No dia 11 a menina Maria Teresa Araújo Leite, filha do nosso estimado assinante sr. José Gonçalves Leite.

No dia 13 o Sr. Manuel Dias Magalhães e o Sr. António Alberto Dias Monteiro.

Amanhã, festeja o seu aniversário natalício a Senhora D. Maria de Jesus Vieira Pinto, bem como no dia 10 seu mano José Vieira Pinto, filhos queridos do nosso particular amigo Snr. Hipólito Xavier Pinto e de sua esposa Almeirinda Vieira, naturais desta Vila.

Por tão alegres datas seus pais, juntamente com seus irmãos desejam a estes dois aniversariantes que estas datas sejam comemoradas por anos sem fim.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

ANIVERSÁRIO

António José Machado

É amanhã, dia 8, que passa o aniversário natalício do Senhor António José Machado, porventura o amigo número um dos Bombeiros e da sua Banda e da própria terra que o viu nascer.



É que, quando há tempos a nossa Banda precisava de novo fardamento e lhe foi solicitada ajuda, num gesto digno dos grandes amigos ele ofereceu substancial ajuda que pôs a Direcção a respirar fundo.

É um Homem de eleição e um amigo das coisas da sua Terra.

Tribuna Livre não podia deixar no olvido tão carinhosa data, e fazendo coro com a Direcção da Banda e dos Bombeiros, desejamos-lhe um aniversário muito feliz junto de sua querida família e que esta data se repita por anos sem fim.

Parabéns

Salvé 8-10-972

Pela passagem de mais um aniversário natalício da menina Maria da Conceição Alves Gonçalves, ausente em França.



Seu avô felicita-a com o desejo de que esta data se prolongue por muitos anos na companhia de todos os que lhe são queridos.

Parabéns

Aniversário

Na passada quinta-feira festejou mais um aniversário natalício o nosso jovem e estimado assinante Snr. Carlos Alberto da Silva, soldado do Regimento de Cavalaria 6 no Porto.

Desejamos-lhe que tivesse passado um aniversário muito feliz junto de sua esposa e restante família.

NOIVOS

Por dois amigos íntimos das respectivas famílias, foi pedida a seus pais a mão da menina Aurora V. de Barros, do lugar do Monte, da Feira Nova, para o sr. Manuel da Silva Taveira, nosso estimado assinante, jovem popular e muito estimado pela camada jovem da Feira Nova, pelo seu modo fino de trato e pelo seu arreigado amor ao trabalho.

Na vida conjugal que brevemente irão começar desejamos ao nável casal muitas felicidades, já que por serem dois jovens oriundos de boas e trabalhadoras famílias bem o merecem pelo respeito que desde sempre souberam impôr às pessoas das suas relações.

CARRAZEDO

Manuel Pereira Lopes

Amanhã, domingo, passa o aniversário do sr. Manuel Pereira Lopes. Neste dia ele viu, há 28 anos, e pela primeira vez, a luz que ainda hoje vê, e oxalá que por muitos e felizes anos junto de sua querida e extremosa esposa e do casal de rebentos com que Deus quis contemplar tão jovem e simpático casal.

Sócio da Firma Eusébio & Filhos, ele é a personificação do trabalho, da honestidade e da inteligência, a par de uma maneira de ser muito sua que lhe grangeou a simpatia e o respeito das pessoas mais gradas do concelho e do Distrito.

A fama da Firma de que o aniversariante é sócio, já ultrapassou há muito as fronteiras do Distrito o que, de certo modo, também engrandece o próprio concelho.

Parabéns, e que Deus te conserve por muitos anos, são os votos sinceros da Tribuna, sempre atenta a exaltar quem exalta a terra a que pertence.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

António Joaquim Vieira O caso do «Sereníssimo» Okamoto

(VIEIRINHA)

— Por Elísio Gonçalves —

A última Tribuna foi a mensageira de uma notícia que merece divulgação para a apreciação consciente dos homens, das suas qualidades e do seu carácter. O falecido escrivão de Direito, aposentado, que legou á Misericórdia local a importante quantia de 450 contos, não deixou família nenhuma a quem eu esteja a render homenagem, as minhas homenagens póstumas são rendidas ao Feiravense que amou o povo, serviu o povo em vida e deixou ao povo a sua fortuna. Em 1924 conheci o Vieirinha como notário, ajudante do falecido Sr. Francisco Calheiros Cruz em Amares. Em 1929 conheci o Vieirinha como escrivão de Direito em Vila Verde de onde se aposentou regressando á Feira Nova onde morreu no seu posto de servir milhares de amigos que procuravam para consultar, por ser uma capacidade do foro e um honestíssimo cidadão. Nada exigia pelos seus trabalhos, deixou porisso de luto pelo menos toda a gente que serviu desinteressadamente. Senti a sua morte como familiar, se fosse, porque da sua inteligência me servi como escrivão que fui do Tribunal de Amares onde estive 14 anos retirando-me voluntariamente sem qualquer tentativa de reforma, que seria ilegal se motivos sérios não

houvesse, e não havia. Aqui estou hoje num pranto de Glória a Deus a reproduzir uma das facetas que mais podem honrar os homens que viveram como verdadeiros cristãos. Omitir as qualidades do amigo particular do falecido, Sr. Dr. Arantes Rodrigues, seria uma injustiça. O Dr. Arantes como cidadão e Juiz Municipal no meu tempo, prestou ao concelho grandes serviços e concorreu para que a Misericórdia recebesse agora o importante legado pois só dele dependia porque era o fiel depositário do segredo agora revelado ao público. A Direcção do hospital tem deante de si o problema da consagração póstuma ao benfeitor e a isso não se pode esquivar. Que essa consagração não fique limitada aos escaninhos dos prateleiros e ao retrato nos lugares de destaque são os votos que faço para ver que há gente nova que se preocupa em aproveitar as lições daqueles que nos deixaram abertos os caminhos da Felicidade.

Temos na Misericórdia gente a dirigir que sabe avaliar a filantropia e como filantropos, o Mundo está pouco cheio, que o busto do Vieirinha apareça para apontar aos vindouros, que em Amares houve mais um porque a D. Filomena também faz parte desse número.

Reunidos em almoço de Confraternização no Restaurante «Milho Rei, da Feira-Nova (Amares), os funcionários da Câmara Municipal de Vieira do Minho

No pretérito dia 30 de Setembro, reuniram-se no modelar Restaurante «Milho Rei», da Feira - Nova (Amares), os funcionários da Câmara Municipal do vizinho Concelho de Vieira do Minho, com o seu mui ilustre Presidente, Snr. Dr. Alfredo Inácio de Abreu Ramalho, e respectiva vereação para, num almoço íntimo, festejarem a merecida promoção e passagem ao quadro de pessoal maior da Secretaria dos Senhores Paulo José Veloso Martins e Fernando Teixeira Ribeiro.

Estes funcionários que em lugares inferiores do quadro de pessoal menor demonstraram, desde a primeira hora, para além do zelo e assiduidade exemplares, aptidões excepcionais, — corolário lógico dos seus dotes de inteligência, — gozaram sempre da melhor estima dos superiores pelo que, e por via disso, se regozijaram com o resultado do concurso a que foram oportunamente submetidos com outros candidatos.

Fica desta feita mais enriquecido o quadro da Secretaria Municipal, sob a chefia do Senhor José Martins da Silva Medeiros, nosso particular e mui dedicado amigo, e está de parabens o Concelho, pois os Senhores Paulo Martins e Fernando Ribeiro são duas unidades eficientes e muito úteis.

Honra ao mérito, pois!

C.

O «enorme desafio da História» que temos enfrentado e continuaremos a enfrentar, exige — como, por mais de uma vez, explicou o Presidente do Conselho, — a mais completa unidade dos portugueses. «Unidos — disse — somos uma força! Mais ainda em casa própria e lutando por uma causa justa. Unidos podemos encarar com coragem o correr dos tempos e construir a vitória. Unidos na vontade de trabalhar, de lutar, de vencer. Unidos — como um só!»

Não faltam os fautores desta unidade — mas também não andam longe de nós certos agentes da desagregação, estipendiados por quem tem empenho em cindir-nos em grupos, em partidos, em sectores, em facções. Eles ocultam-se num momento, para surdirem noutro. Escondem-se além para reaparecerem acolá. Vestem peles de cordeiro para melhor se insinuarem no meio da gente descuidosa e pacífica. Adoptam todas as camuflagens. Envergam todos os trajes que lhes concedam

aparências tranquilizadoras. Usam as palavras mais serenas e captivantes. Mas se lhes atribuem alguma «superfície» para se moverem à-vontade, logo veremos como a mansidão se transforma, como os disfarces tombam e aparece a dentuça do lobo, cessam as expressões calmas para se soltarem de ódio!

O semblante sereníssimo e os modos corteses daquele Okamoto, um dos autores do hediondo massacre de inocentes, no aeroporto de Telavive, há pouco julgado, fornece-nos um exemplo edificante. «É terrível» — como sublinha um jornal francês esquerdista. Quem diria que um rapazola tão tranquilo e simples, tão delicado e medroso até, escondia o pensamento sinistro de ceifar tantas vidas com rajadas de pistola-metralhadora, só porque «decidira matar» fôsse como fôsse e fôsse quem fôsse?»

Como um autómató — e nisso o tinham transformado, «durante a permanência num campo de treino espe-

cial — pôs pé em terra, abriu tranquilamente a mala e semeou a morte ao seu redor — homens, mulheres, crianças, sem querer saber da sua nacionalidade ou se eram favoráveis ou contrários ao conflito israelo-árabe. Matou — porque estava «teleguiado» para matar! Apenas por isso. Ele o disse à sua mãe.

Não julguemos que este caso só interessa a outrém e só pode atraír os cuidados de países alheios. A táctica é sempre a mesma, quando os mentores do mal, servindo ambições imperialistas treinam criaturas para se introduzirem nas populações laboriosas e praticarem morticínios e devastações. Na sombra, se pesquisarmos bem, divisaremos os mesmos sistemas criminosos que têm perturbado a nossa vida no Ultramar, arredado do bom caminho muita gente que vivia na ordem, soprado as cinzas de velhos tribalismos sangrentos, como no Burundi e no Biafra!

Os chefes dos novos Estados africanos sabem-no perfeitamente. Por nosso lado, só vemos razões para prosseguir na defesa. E unidos como um só!

A. L.

Câmara Municipal Braga

Publicamos hoje mais vinte e cinco nomes de pessoas ou entidades que, associando-se à homenagem a prestar à memória do Comendador Santos da Cunha de que a Câmara Municipal de Braga tomou a iniciativa, enviaram o seu contributo para o monumento a erigir.

Continuando o critério que vem sendo seguido a publicação é feita segundo a ordem de entrada.

Duarte Rodrigues & Sequeira, Limitada	250\$00
A. M. da Rocha Brito, Limitada	1.000\$00
Padre José Joaquim Martins	500\$00
Fernando Valério de Carvalho	50\$00
Valeriano Ribeiro de Faria Abreu	100\$00
Alfredo da Costa Teiveira	300\$00
Auto Central de Braga, Limitada	500\$00
Dr. Manuel Augusto da Costa Azevedo	500\$00
Eduardo Pereira Viana	100\$00
Eng.º Afonso José da Fonseca	1.000\$00
Abílio Rodrigues	100\$00
Jerónimo Duarte Gonçalves de Azevedo	500\$00
D. Antónia Maria da Graça Pereira Gomes	1.000\$00
António da Costa Guimarães, Filho & C.ª L. da	1.000\$00
Governo Civil de Évora	1.000\$00
Ministério das Corporações	50.000\$00
Bernardo dos Santos Ferreira	1.000\$00
José Augusto Branco	100\$00
Francisco da Cruz Moreira	50\$00
Fernando Pereir da Costa	500\$00
Dr. Marino de Carvalho	100\$00
António da Silva Peixoto	50\$00
José Maria Calheiros de Abreu	500\$00
José Justino Soares Coelho	500\$00
Justino da Costa Vilaça	500\$00

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas

Bvião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00